

# **O PATRIMÔNIO AGROINDUSTRIAL: AS FÁBRICAS DE COMPOTAS DE PÊSSEGO E SUAS RELAÇÕES NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM PELOTAS/ RS NAS DÉCADAS DE 1940 A 1990.**

**ALCIR NEI BACH<sup>1</sup>; ESTER JUDITE BENDJOUYA GUTIERREZ<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [alcir\\_degecon@yahoo.com](mailto:alcir_degecon@yahoo.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [esterjbgutierrez@gmail.com](mailto:esterjbgutierrez@gmail.com)

## **1. INTRODUÇÃO**

Na segunda metade do século XIX e começo do século XX, com a chegada de imigrantes europeus e, com eles, da tradição doceira, começa o cultivo do pêssego na zona rural de Pelotas e, conseqüentemente, a instalação de uma incipiente fabricação artesanal de doces em calda.

Com o crescimento dos pomares de pêssego, essa indústria alcança na cidade um notável desenvolvimento nas décadas de 1950 a 1990, com a instalação de um parque industrial, incluindo indústrias do centro do país.

As antigas fábricas de compotas de pêssego foram ambientes produtivos em que homens e mulheres compartilharam parcelas do espaço urbano por décadas seguidas. Esses empreendimentos, além de constituírem um rico exemplo de patrimônio industrial em Pelotas, foram responsáveis por um desenvolvimento econômico que tornou a cidade conhecida em todo país. Configuram, ainda hoje, uma espécie de “arquivo a céu aberto” que permite “estabelecer uma conexão com o tipo de industrialização de um período e de modo de vida da classe trabalhadora” (SILVA, 2006, p.1).

Foi esse desenvolvimento que possibilitou que a cidade de Pelotas fosse considerada uma “capital regional” (VIEIRA, 2005). Grandes prédios assentados em áreas urbanas encontram-se hoje em vias de desaparecerem, ou de serem transfigurados pelas novas exigências. Portanto, em uma situação de precariedade, que torna imprescindíveis “ações voltadas a pesquisá-lo e inventariá-lo, como forma de manter permanente sua valorização” (FERREIRA, 2006, p.95), e servirem de “testemunho de atividades que tiveram e que ainda têm, profundas conseqüências históricas” conforme propõe a Carta de Nizhy Tagil Sobre o Patrimônio Industrial (2003, p.5).

Foram nessas décadas pós-guerra que se constituíram as grandes mudanças sociais e econômicas, a começar pela forte industrialização, crescente urbanização e alta migração campo-cidade (êxodo rural).

O crescimento urbano em nosso país, a partir de 1950, demonstra que ocorria uma forte migração rural-urbana, conforme Clark.

[...] o crescimento natural é reforçado pela migração. Com efeito esse foi o componente primário de crescimento em muitas cidades do terceiro mundo durante os anos de 1950 e 1960. A migração é em parte uma resposta às oportunidades oferecidas pela cidade em termos de empregos e padrões de vida. (Clark, 1985, p.95).

A população que passou a formar a mão de obra do setor conserveiro em Pelotas vivia fora do centro urbano, em áreas pobres, na periferia dos bairros, onde estava localizada a maioria das indústrias.

Partindo da relevância desta agroindústria para a economia e para a paisagem urbana, o objetivo principal desta pesquisa pode ser assim anunciado: Investigar e reconstruir as relações decorrentes da instalação das agroindústrias conserveiras nas décadas de 1940 a 1990, na produção do espaço urbano de Pelotas.

## **2. METODOLOGIA**

O trabalho em pauta pretende valer-se de análise documental, o que inclui registros iconográficos (fotos e impressos) e informações obtidas por meio de depoimentos junto a: a) antigos proprietários, trabalhadores, prestadores de serviço; b) associações de classe; c) antigos moradores; d) instituições sociais, religiosas e esportivas.

Os depoimentos orais serão fundamentais na recuperação do cotidiano dessas fábricas, conforme SIMSON (1991, P.19), a anexação de uma INFORMAÇÃO ORAL ao REGISTRO VISUAL permite “Estabelecer uma série de relações e interpretações que possibilitam enriquecer a construção do fenômeno estudado”. Dessa forma “a casa, a igreja, a escola, o salão de baile e a fábrica são lugares que contam pelos pisos, paredes, móveis, objetos, máquinas e equipamentos, um pouco da memória social da fábrica, do entorno, do bairro e da cidade. São ambientes identitários, organizados a partir de uma concepção social”. BOSI (1987, p.17).

Para completar esses dados serão realizadas pesquisas bibliográficas em acervos históricos (FEE/RS), censos demográficos (IBGE) e anuários estatísticos (Prefeitura Municipal, Universidade, Associação Comercial e Centro das Indústrias de Pelotas). Planos Diretores, teses e dissertações completam as pesquisas.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Hoje, ao percorrermos bairros de Pelotas, encontramos um grande número de prédios onde funcionaram essas fábricas. As edificações, o maquinário, os equipamentos e as instalações que ainda lá se encontram se definem, para fins deste estudo, como patrimônio agroindustrial.

A indústria conserveira urbana se concentrou junto às duas principais vias de acesso à cidade: a Avenida Duque de Caxias, no bairro Fragata e a Avenida Fernando Osório, no bairro Três Vendas. Essa localização favorecia a recepção de matéria-prima do interior do município, o escoamento da produção e principalmente a entrada de mão de obra.

Esse era “o sistema viário dos séculos XIX e XX, demarcado pela circulação de gado, rumo às charqueadas, e de produtos coloniais que abasteciam a cidade” (Gutierrez, 1999, p.272).

Na sua tese, *Habitação popular de Pelotas (1880 – 1950)*, Rosa Maria Rolim de Moura discorre sobre a demanda por moradias e dos atendimentos para acolher todos os novos moradores urbanos até o ano de 1950, afirmando:

[...] entre as indústrias do primeiro grupo, a de conservas vegetais adquiria uma grande importância ao longo do século XX, tornando-se responsável pela geração de um maior número de empregos na cidade (ROLIM DE MOURA, 2006, p. 168).

População Rural e Urbana – Pelotas: 1940/2000.

POPULAÇÃO	1940	1950	1960	1970	1980	1991*	2000**
RURAL	38.826	45.778	48.748	51.713	50.876	25.908	22.943
	37%	36%	27%	25.5%	21.2%	8.9%	6.8%
URBANA	66.293	81.863	129.517	156.156	209.950	265.192	300.215
	63%	64%	73%	74.5%	78.8%	91.1%	93.8%

Fonte: IBGE – Censos de 1940 a 2000.

Emancipações: \*Distritos de Capão do Leão e Morro Redondo

\*\* Distritos Arroio do Padre e Turuçu.

Conforme mostram esses dados censitários, já observavam em Pelotas, índices bem maiores de população urbana em relação à rural, do que ocorreu no mesmo período, no Rio Grande do Sul e no Brasil. Isso gerou mudanças sociais e econômicas, a começar pelo aumento da industrialização, crescimento da urbanização e a grande migração campo-cidade (êxodo rural).

O crescimento econômico propiciou grandes alterações na paisagem urbana atraindo populações migrantes, inclusive de municípios vizinhos, ocupando novos espaços da periferia e, desta forma, estendendo seus limites.

Assim, as áreas periféricas desses bairros, que antes integravam campos ou várzeas e eram raramente ocupadas, passaram a ser fracionadas para abrigar porções que possibilitassem a moradia, os pontos

de encontro, as ampliações fabris e suas movimentações (dejetos, inclusive); o que, conseqüentemente, alterou a paisagem, o modo de vida dos antigos moradores e a estrutura urbana.

A reivindicação da criação de serviços e moradias para os trabalhadores contribuiu significativamente com a organização do espaço urbano e a consolidação da estrutura dos bairros Fragata e Três Vendas.

#### 4. CONCLUSÕES.

A pesquisa do tema evidencia três momentos em seu desenvolvimento, os quais serão abordados no decorrer do trabalho.

O crescimento - ocorre no pós-guerra até os anos 60 com o aumento da população urbana (migrações campo-cidade), e com a ampliação do número de fábricas de compotas de pêssego.

O apogeu - no início dos anos 70, com o milagre econômico brasileiro, é criado o distrito industrial de Pelotas, possibilitando a instalação das grandes agroindústrias do centro do país, estimulando ainda mais o traslado de populações da zona rural de Pelotas e municípios vizinhos.

O declínio - começa com a crise econômica brasileira dos anos 80 – inflação, juros altos e o desemprego – culminando com o fechamento das grandes agroindústrias e também das menores e mais artesanais de Pelotas.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BACH, Alcir Nei. **O patrimônio industrial rural: as fábricas de compotas de pêssego em Pelotas – 1950 a 1970.** 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural), Universidade Federal de Pelotas.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos.** São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1987.

**CARTA DE NIZHNY TAGIL SOBRE O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL.** The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH). Julho de 2003. Disponível em: <http://www.mnactec.cat/ticcih/pdf/NTagilPortuguese.pdf>. Acesso: em 15 de dezembro de 2012.

CLARK, David. **Introdução à Geografia Urbana.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.

FERREIRA, M., CERQUEIRA, F., RIETH, F.. **O doce pelotense como patrimônio imaterial: diálogos entre o tradicional e a inovação. Métis: história & cultura.** América do Norte, 7 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www.ufrpe.br/br/etc/revistas/index.php/metis/articles/view/696/502>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2012.

GUTIERREZ, Ester J. B. **Barro e sangue**: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas 1777-1888. Porto Alegre (RS): Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC), 1999.

ROLIM DE MOURA, Rosa Maria Garcia. **Habitação popular em Pelotas (1880-1950)**: entre políticas públicas e investimentos privados. Tese (Doutorado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

SILVA, Leonardo Mello. **Patrimônio Industrial**: passado e presente. Patrimônio Revista Eletrônica do IPHAN. Brasília, v.4, 2006.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. **Depoimento Oral e Fotografia na Reconstrução da Memória Histórico-Sociológica: reflexos de pesquisa**. In: Boletim do Centro de Memória – UNICAMP. V.3, nº 5, p. 14-24 jan/jun. Campinas: 1991.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. **A cidade fragmentada: o planejamento e a segregação social do espaço urbano em Pelotas**. Pelotas: Ed. UFPel, 2005.